2.ª SERIE. TOMO II

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 36. QUINTA FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A QUESTÃO INDUSTRIAL.

546 Com o titulo de—A questão industrial—publicou o *Atheneu* no seu n.º 22, um longo artigo.

Ao lêrmos o titulo, e o nome que o assignava, julgámos que seriam aquellas linhas um documento de grande valia para o estudo dos nossos interesses industriaes.

O Sr. A. de Serpa é um bello e grande talento, que devemos considerar como bem vindo para a trabalhosa lide das nossas discussões economicas.

Sentimos não poder applaudir a sua estrêa.

Admirámos como sempre o seu talento, lamentámos pela primeira vez a falta completa de estudo nos factos, que esse fecundo talento involveu nas pompas de um estylo variado e vigoroso.

Mais estudo, mais factos, menos estylo—eis-aqui o que exige a verdade que se procura nas questões economicas.

A simpathia, que temos, não só pela intelligencia elevada, mas tambem pelo caracter do Sr. Serpa, nos entristece ao vermos o mau terreno que escolheu.

Como o artigo não expõe, como esperavamos, o que seja, segundo o auctor—a questão industrial—e qual a solução que lhe acha, somos obrigados a seguir os differentes pontos que o titulo do artigo ligou em um só corpo de doutrina.

Toda a nossa questão será de factos e não de palavras. É esta a nossa intenção.

Começa o artigo asseverando—*que as camaras legislativas duvidaram da proficiencia da nossa industria.* Não nos compete defender as Camaras; mas todo o paiz sabe que não duvidaram. O que um deputado ousou dizer a tal respeito foi por todos combatido—e na Camara se leu, com geral approvação, o desmentido solemne que a estas palavras deu a Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Na imprensa esse desmentido se repetiu, assignado por grande numero de fabricantes, e até o proprio que as soltára se desmente, quando em uma sua recente publicação confessou, que a industria fabril existe no paiz—elle que dissera, que a industria nacional era uma historia e as fabricas nacionaes depositos de contrabando.

Depois o auctor cita-nos sem mais preambulos perante a sua questão industrial.

Diz *que o nosso pamphleto economico era uma elegia sobre as 50 mil familias que se pertendiam reduzir á miseria.* Está enganado; o pamphleto quiz provar, que a industria era uma realidade, e não uma historia; e sabemos mui pouco, mas não ignoramos que nestas questões não seria de grande valor o argumento que se nos attribue. O pamphleto contém factos em abono do que pertende provar:—eram esses factos que o Sr. Serpa deveria combater.

Convida-nos sem nada provar, para que lhe provemos:

Que as 50 mil familias não poderiam empregar-se mais vantajosamente na agricultura, e no commercio, se estas duas partes da riqueza tivessem gosado das vantagens, que lhes tiram os direitos protectores.

Ora por que não estudará o Sr. Serpa quaes são essas vantagens, que o nosso systema protector tem tirado á agricultura, e ao commercio, para nos pedir depois com rasão a prova que deseja?

Quer tambem—que provemos se a industria tem recompensado, ou póde vir a recompensar o sacrificio dos direitos protectores.

É ainda cedo para que a nossa limitada intelligencia lhe possa responder, e, para o fazer, precisamos de que o talento do Sr. Serpa, estudando os factos, nos prove o contrario.

Ainda somos convidados para provar—Se todas as industrias, creadas á sombra da protecção, podem um dia concorrer com as industrias estrangeiras? Que nação nova e original, somos nós, para que o auctor nos condemne á mais supina e selvatica ignorancia, ao ponto de duvidar, de que *o habitante de Portugal saiba tão bem trabalhar n'uma fabrica como o operario de Londres?*

Ao presente que as machinas não são o patrimonio de uma só nação—e que nós já não só concorremos mas excluimos do nosso mercado productos estrangeiros, o que significa, da parte do Sr. Serpa, a exigencia de uma prova, que encontra em qualquer loja da capital, sem até se incommodar a visitar as nossas fabricas?

Tambem devemos provar—que os progressos das

industrias que segundo o auctor do artigo podem viver independentes da protecção, não precisam do regimem protector.

Se o Sr. Serpa nos apontasse as causas geraes a que attribue esse progresso, e nos dissesse a que industrias se refere, tinha logar a sua exigencia.

A ultima prova pedida, é que lhe demonstremos que não existem meios fóra do systema protector para promover a industria. Realmente o Sr. Serpa com o seu *provará*, fez de nós conceito mui superior ao que podemos ambicionar. Não somos nós competentes para ensinar ao Sr. Serpa como se estudam esses pontos, e bem se vê, que cada prova seria uma licção, e não um argumento. Mas em fim o Sr. Serpa salta para as questões para que nos cita — e as quaes esquece logo todas limitando o seu artigo aos pontos principaes, que com a devida lealdade começaremos a expor.

Define assim o regimen protector — *Tributo pesadissimo lançado sobre todos os consumidores, lançado sobre todas as classes da sociedade, em proveito de uma só*, a industrial. Passam tres columnas do artigo, e o Sr. Serpa refuta elle mesmo tudo que escreveu com as seguintes palavras.

«Deus nos defenda de pedir hoje a abolição total dos direitos protectores. Seria a maior das injustiças, e das tyranias. Seria um desequilibrio que traria a ruina de muitas familias, desequilibrio em muitas fortunas privadas, se não tambem nos rendimentos publicos, e na base do imposto. A questão da alteração das pautas é de summa importancia, porque se hade attender aos principios da sciencia e aos interesses estabelecidos, ás regras da justiça e aos direitos adquidos, á receita publica, aos contribuintes, aos productores e aos consumidores, ao presente e ao futuro de Portugal.»

¿Se estas palavras são verdades, para que nos accusaes por que defendemos a protecção, ao vêr que já dissemos, que não a admittiamos sem exposições nem inquerito, e que fomos os primeiros, que pedimos a diminuição nos direitos do ferro, dos productos chimicos, e do papel?

¿Para que nos sahe o Sr. Serpa com este *periodo todo sentimental e elegiaco sobre a ruina de muitas familias?*

¿Ou estaes ou não, persuadidos do que escreveis? Se a vossa opinião não vacila com a falta de factos, que vos esclareçam, mostrae coragem, e se a protecção é o que dizeis, eia, ávante, exclamae, — abaixo os direitos protectores. Ao menos por este modo todos vos entenderiam.

Deveis meditar para tomar a vossa posição definitiva.

A vossa falta de factos chega a penuria. Annunciaes que tambem sabeis factos, e para seis columnas do *Atheneu*, não vos foi possivel encontrar mais do que tres; e em todo o reino só notaes uma fabrica para provar os erros do systema, que ora pertendeis condemnar, e que ora approvaes.

Não é para este logar o descrever o que seja a fabrica que citaes. Careceis de a vêr para a julgar. O vosso nome deveria apparecer entre o dos visitantes antes de figurar no dos accusadores. Queremos fazer justiça ao vosso talento: só não tendo visto nem de longe a Fabrica de Fiação e Tecidos em Alcantara, é que podeis chamar *luxo superfluo* á solidez de uma construcção feita segundo as regras da arte para suster com a força das suas abobadas o avultado peso de machinas, e para conter em si um motor da força de 90 cavallos. Entrae na fabrica e depois vós mesmos vos refutareis. Abusaram da vossa boa fé — eis porque podemos pela seguinte fórma julgar os vossos factos.

Não é exacto o facto de que a fabricação do algodão, a fabricação em grande, a fabricação com machinas de vapôr concorra hoje desvantajosamente com a industria individual, com a industria sem machinas de vapôr, etc.

A verdade é: — que a industria individual, a pequena industria, a industria de familia, que principalmente se occupa de tecer, só faz mal á grande fabrica da capital em lhe não deixar lucrar quanto poderia, se não tivesse a competencia de tal industria pequena: mas ainda assim, a vantagem está da parte da grande fabrica, o que se póde colligir do facto de estar ella alimentando a industria pequena vendendo-lhe, como vende o algodão fiado de que carece, até n.º 22, tanto na capital como no Porto.

Não é tambem exacto, que a empresa de uma das maiores fabricas, que hoje tem Lisboa, contrahisse um emprestimo com o juro de 9 por cento.

Contrahiu-o, é verdade, mas foi a 5 e 6 por cento, e contrahiu-o, não por que lembrasse a um empresario fazer uma especulação infeliz ou imprevidente, mas por uma especulação calculada no sentido da maior conveniencia dos interessados na empresa, como elles reconheceram, e por isso a consentiram. Além de que o prejuiso, sendo do premio de juros modicos, e recahindo sobre uma quantia pequena em relação ao capital que a empresa possue, é de mui pouca importancia.

Egualmente não é exacto: — que a empresa industrial, n'esta capital, que nos primeiros annos deu de lucro aos seus accionistas 18 por cento, hoje, por uma transacção ou pelo emprego de um luxo superfluo, em vez de dar dividendo peça aos accionistas um accrescimo de capital.

O que a este respeito ha de verdadeiro é: — que a alludida transacção, posto que forçada, não foi má por ter tido a indemnisação que lhe correspondia, e por que tendo os chefes da empresa em pensamento o projecto, que logo em seguida começaram a realisar, ainda foi melhor. Este projecto, de um fabrico inteiramente novo no nosso paiz, exigindo um edificio e machinas apropriadas, exigiu por consequencia, um augmento de capital: e d'aqui o motivo de se pedirem prestações. Não houve portanto especulação falsa, emprego de luxo superfluo, nem imprevidencia do fabricante; devendo notar-se que muita gente por ignorante, pensa que todas as fabricas se podem montar sem inconveniente, em telheiros ou barracões.

A intelligencia e probidade da benemerita direcção da companhia de Fiação e Tecidos não carecem dos nossos louvores, nem da nossa penna, para que todos quantos entendem da materia a considerem superior ás inexactas censuras que sem fundamento algum lhe dirige o *Atheneu*.

Não só o Sr. A. de Serpa, mas outras pessoas que desejem escrever ácerca da nossa industria, devem ser mui cautelosas em asseverar o que não podem provar — e devem conhecer na especialidade em ques-

tão, que esta fabrica sendo por certo a primeira do reino, e a que mais prejuizo póde causar aos inglezes, não lhe faltam por isso inimigos, que aproveitem qualquer ensejo para dar informações falsas, nas quaes bellos talentos venham naufragar, por haverem nellas formado a sua argumentação.

Parece-nos um facto importante em abono da fabrica, tão injustamente tractada, a prova que desde o seu estabelecimento até hoje, os seus productos tem progressivamente embaratecido, o que sustentamos na seguinte nota: fazendo comtudo a observação de que — os cotins da companhia vendem-se pelos preços cotados em rasão de serem mais largos, terem melhores côres, e serem mais bem acabados que os do Porto, pois que a não serem estas circumstancias vender-se-hião por menores preços, como se vendem os da referida cidade.

Preço das principaes fazendas da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense em 1843 e em 1850.

	PREÇOS EM 1843.			PREÇOS EM 1850.		
Baetilhas cruas de 1 pello de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade	90	100	110	80	90	100
Ditas » 2 » idem	130	130	170	95	105	145
Ditas curadas 1 » 1.ª e 2.ª qualidade		110	140		110	130
Ditas » 2 » idem		140	190		130	170
Ditas alvadias 1 » idem			100			85
Ditas » 2 » idem			100			95
Ditas côr de roza e côr d'oiro de 2 pellos 1.ª qualid.			140			100
Cobertores pequenos para berço			700			600
Ditos n. 1 brancos com barra azul ou côr de roza			1:400			1:200
Ditos n. 2 » idem			1:700			1:500
Ditos n. 3 » idem			2:400			2:100
Ditos n. 4 » idem			3:000			2:700
Ditos n. 5 » idem			4:600			4:000
Ditos n. 1 » idem singellos			1:000			800
Cotins n. 1 singellos escuros	210	180	150		140	120
Ditos » dobrados dito			210			140
Ditos n. 2 superiores dito			230			140
Camisas de malha de 2.ª e 4.ª qualidade		420	400		320	270
Chailes de baetilha de $\frac{5}{4}$, $\frac{7}{4}$, $\frac{5}{4}$	920	820	440	900 800 400 840	740	360
Guingaus		120	110		100	95
Mantas n. 3 a 4	1:000	750	600	700	600	480
Ditas de desperdicios			500			380
Riscado para colxões de $\frac{5}{4}$, de 2.ª e 4.ª qualidade		240	220		190	160
Ditos » $\frac{2}{3}$		190	160		170	150
Ditos de xadrez para aventaes		110	90		105	80
Cutins claros	230	220	210	160	140	130
Ditos á Grey		170	150		120	110
Saias de 2 pannos			4:400			3:800
Ditas de 6 ditos			5:100			4:600
Saccas para arroz			200			160

Quanto aos soccorros que em caso sinistro se derem á agricultura, a nossa opinião está bem definida ha muito tempo, e antes do Sr. Serpa nos fallar em tal. Sem citarmos muitos factos, ahi está bem proximo, o que escrevemos em favor dos lavradores do Alémtejo, prejudicados pelo tão fallado temporal que alli devastou uma parte da sua fortuna.

O resto do artigo do Sr. Serpa é consignado a duas dissertações sobre estradas e agiotagem. Diz que as estradas são um bem: estamos de accordo; e que a agiotagem é um mal: concordamos tambem; mas não basta dizer isto em dez ou em mil palavras: é mister dizer quaes são, segundo o Sr. Serpa, os meios de termos estradas, e de não termos agiotagem.

Quanto a nós não duvidaremos repetir mais uma vez o raciocinio que tantas vezes temos appresentado.

É mister que o Governo em Portugal deixe de ser completamente absorvido pela politica, e que seja o Governo dos interesses agricolas, industriaes e commerciaes.

É mister que o preço dos capitaes baixe, desapparecendo o Governo do mercado do dinheiro.

E este fim só se alcança — não por operações de credito, mais ou menos engenhosamente combinadas; mas pela creação de novos valores no paiz, pela justa organisação do imposto, pela sua productiva applicação.

Ora a industria agricola tem um excesso de produc-

ção, porque no paiz não ha valores que se troquem pelos seus productos — e esta é que é a verdadeira questão industrial, e que resume a principal causa por que nós queremos que a industria fabril se desenvolva no paiz para promover o certo e valioso consumo interno, que nenhuma exportação póde nunca chegar a compensar.

Nestes pontos é que nós desejamos que nos esclareçam, pelo estudo, talentos tão felizes como o que possue o Sr. Serpa.

Entremos com animo imparcial nestas questões, e nesse caso a discussão será tão util para o paiz como para os que a emprehenderem. Sacrifiquemos as palavras, ás idéas, — e o pensamento, em logar de pairar entre o erro e a duvida, se fixará na verdade que todos devemos respeitar.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CHRONICA AGRICOLA.

547 São ainda escassas as noticias e informações, de que podemos dispôr, para começar as chronicas agricolas, que tencionamos publicar, como prova do interesse e cuidado, que tributamos a esta principal e melhor parte da nossa fortuna publica. Esperamos que todos os leitores da Revista ao conhecimento dos quaes chegue o desejo e a instancia com que pedimos esclarecimentos, e noticias agricolas, se não recusem a prestar ao seu paiz o serviço de escreverem algumas linhas em beneficio de tão avultados e precarios interesses.

O projecto do Sr. Guedes, e o do Sr. Albano ácerca da questão do Douro, e o Decreto do Governo ácerca do commercio indirecto, eis aqui os themas sobre que discorre quasi toda a imprensa do Porto.

Seria por em quanto fóra de proposito o fallar nos referidos projectos. A Legislatura vai tão adiantada, que será difficil, que o tempo chegue para que se discutam.

A colheita da laranja nos arrabaldes de Lisboa, consta que foi tão escassa, como em geral a dos mais fructos, o que prejudica a nossa exportação neste genero. Houve proprietario que em pomar que lhe dava 180 caixas, apenas colheu 30.

Sabemos que as experiencias do emprego do sal em a nutrição das vaccas tem apresentado a um dos melhores agronomos de Lisboa, como unico resultado, de melhorar a apparencia do pello, fazendo que este seja mais lusidio.

O adubo do gesso nos terrenos tambem sem effeito notavel, acaba de ser experimentado perto da capital. Sentimos não possuir os pormenores de taes experiencias, para os communicar aos nossos leitores.

Na interessante observação relativa ao *aspecto dos campos* que o nosso mui distincto collaborador o Sr. Franzini, junta ás suas sempre apreciaveis observações meteorologicas relativas ao mez de Maio, o leitor poderá vêr uma parte util a tal respeito.

Neste logar nos parece conveniente referir — que, ácerca de um ponto das observações relativas ao mez de Abril, nos remette o Sr. A. Mauricio Cabral, da quinta do Vimieiro, concelho de Cortiços, a seguinte informação que será lida com praser.

« Diz o Sr. Franzini nas suas observações meteorologicas do mez de Abril proximo passado: — « As oliveiras limparam da ferrugem de que se achavam invadidas e ostentam numerosos ramalhetes de suas pequenas flores, promettendo abundante safra de seus preciosos fructos. »

« As observações do Sr. Franzini não se estenderam até estes sitios, por que, se assim acontecesse, o observador de certo faria uma excepção, em que desgraçadamente, havia de comprehender uma grande parte do nosso olivedo.

« Muitos dos nossos olivaes, que no anno passado foram accommettidos da ferrugem, conservam a mesma crusta negra que lhes tem, como que confeitados, ramos e folhas. Chegou a primavera, e, em vez de se vestirem de louçã verdura, conservam o negro involucro, parecendo ao longe tisnados de fogo. Se no meio d'esses ramos de *fuligem* sahe, onde e onde, um renovosinho, é amarello e eivado, e não póde deixar de ser assim, por que junto á ferrugem anda sempre uma infinidade de insectos, que adherem aos ramos e folhas por differentes maneiras: estes insectos alimentam-se da seiva, e desta fórma estancam o principio alimentativo da arvore, que, em quanto soffre aquella praga, está como se lhe tivessem cessado todas as funcções vegetativas.

« No anno passado, como a florescencia e fecundação já tinha tido logar, quando se manifestou o contagio, conservou-se o fructo, mas em muitas especies não chegou a azeitona a madurar, engelhou-se e cahiu juntamente com as folhas á mais leve sacudidura, isto por lhe faltar o principio nutriente que a arvore lhe devia ministrar. — Á vista do exposto esperamos uma colheita mais mesquinha do que a do anno passado, por que a maior parte das arvores não florecem, e mesmo as que deitarem alguma flor, não terão forças para a fecundação, e alimentação do novo fructo.

« Agora só nos resta que o azeite desça de preço; dest'arte se augmentará a afflicção ao pobre lavrador, e parece que as tendencias do mercado são essas: — na novidade, ao sahir o azeite do lagar, vendeu-se por aqui a réis 3$800, e hoje vende-se a 3$500 o almude; se vamos nesta *progressão* estamos bem servidos. »

Folgamos em que mais este exemplo do Sr. Cabral venha incitar o zelo dos que podem prestar informações similhantes.

O Sr. João José Jara nosso antigo correspondente de Loulé, nos diz em 4 do corrente, que as colheitas de cereaes e fructos da provincia tem sido pessimas desde 1846, sendo o anno passado a peior colheita de figo de que se lembram — com o azeite aconteceu o mesmo. Não consta que em Loulé se vendesse como se está vendendo a alfarroba a 10 e 15 réis por arratel — muitos ramos de industria estão paralisados — ha grande falta de numerario — o atum está-se vendendo a 20 réis o branco, e 15 réis o preto por arratel, e isto em terra distante seis legoas d'onde se apanha.

As chuvas de Junho são receadas, por que segundo o dictado, a chuva de Junho tira vinho, azeite, e não dá pão.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEREOLOGICAS DO MEZ DE MAIO, 2.º DA PRIMAVERA DO ANNO CORRENTE DE 1850.

548 *Temperaturas.* — Maxima a 13,78° — Minima a 7,46° — Dita media das madrugadas 52,9. — Dita ás 2 horas da tarde 69,9. — Dita media do mez 60,7. — Variação media diurna 17° — Maxima dita a 13,26.°

Barometro na temperatura de 63° — Maxima altura a 28 do mez, 763,6 mill. — Minima a 22, 741,4. — Media 755. — Variação dos extremos 22,2 mill.

Ventos dominantes e sua força, contados em meios dias. — N, 9 (0,8) — NO, 15 (0,8) — O, 7 (1,4) — SO, 18 (1,0) — S, 5 (1,3) — NE, 2 (0,2) — SE, 1 (1,6) — V, ou B, 5 — Direcção do vento dominante N, 85 O — (1,0) — Madrugadas bonançosas, 13. Meios dias ventosos, 22. — Tempestades tres, em 6, 22 e 23 do mez do SO, SE, S e O. — Trovoada a 22.

Estado da atmosphera. — Meios dias claros 11 — claros e nuvens 6 — cobertos 7 — cobertos e clarões 18 — dias em que choveu 10, incluindo 2 de chuviscos. Foram mui copiosas em 21, 22 e 23, especialmente a de 22 em que cahiram 32 millimetros, (25 ½ almudes por braça quadrada), excedendo a chuva normal em 2 ¼ vezes. — Dias de frio notavel 11, e 5 de calor sensivel, no meio do dia.

Decorreu este mez com a temperatura fria em dois gráos inferior á normal, e ainda um pouco mais fria que a do mez antecedente: muito chuvoso no seu ultimo terço, e bastante ventoso. — As copiosas chuvas de 21 a 23, em parte procedentes de trovoada, lançaram graniso muito grosso em alguns sitios, como aconteceu em Cintra, mas em geral não causaram prejuizo ás cearas, que continuam com excellente apparencia, e com especialidade os milhos, acontecendo o mesmo aos arvoredos, e particularmente ás oliveiras que completaram a sua limpeza da ferrugem, continuando a prosperar os seus cachos. — Sómente as arvores de fructa temporã soffreram alguma diminuição na novidade que se esperava, mas o prejuizo é insignificante em presença da bella apparencia que offerece a verdura dos campos.

Cumpre notar que o phenomeno dos meses de Maio chuvosos não é extraordinario e se repete em certos periodos. Revendo os nossos antigos Diarios encontrámos tres exemplos nos annos de 1817, 22 e 38. No mez de Maio de 1817 houveram 14 dias chuvosos que forneceram 113 millimetros de agua, cahindo de uma só vez 40, 28 e 20 mill., sendo por consequencia muito mais chuvoso que o do anno presente. Aquellas chuvas foram acompanhadas de fortes tempestades de SO, e O, com trovoadas, e mui fria temperatura. O mez de Maio de 1822 foi mui frio, decorrendo com uma temperatura media 5° inferior á normal, apparecendo sómente calmoso nos ultimos tres dias. — Foi muito chuvoso, contando 13 dias de chuvas que na totalidade forneceram 72 millimetros; porém pouco ventoso.

O mesmo mez pertencente ao anno de 1838 decorreu com a temperatura normal, porém com 17 dias chuvosos em que cahiram 100 millimetros de agua, e em um daquelles dias se recolheram 30. Estes exemplos provam que no nosso clima é frequente a constituição chuvosa nos mezes de Maio.

Do que temos referido a respeito dos dois mezes da actual primavera se conclue que as chuvas que appareceram somente excederam em 51 millimetros, ou em pouco mais de metade á que compete na primavera regular.

Phenomenos notaveis. — As tempestades de Abril, e a primeira deste mez, causaram grandes prejuizos nas cearas da ilha de S. Miguel especialmente na sua encosta meridional. Julgam ter-se perdido as duas terças partes, sendo crestado o linho pela força do vento, assim como as vinhas. Na Catalunha as chuvas deste mez produziram grande beneficio á vegetação amortecida pela continuada secca que tinha reinado antecedentemente, porém na Andaluzia terriveis trovoadas de saraiva causaram grandes ruinas. Em Valencia pelo contrario as chuvas produziram optimo effeito: porém tambem foram acompanhadas de furiosos temporaes resultando grandes destroços no porto de Gráo. Estas chuvas infelizmente não passaram além da peninsula, continuando a soffrer horrivel secca as ilhas Baleares, a qual tem anniquilado os seus arvoredos. Em Iviça os estragos são incalculaveis, motivando grande emigração dos seus habitantes aos quaes vae faltando a agua potavel para os usos da vida.

Necrologia de Lisboa. — Mortalidade do sexo masculino — maiores 168 — menores 100 — total 268. — Dita do sexo feminino — maiores 134 — menores 94 — total 228. — Totalidade dos dois sexos 496, em cujo numero se comprehendem 239 fallecidos nos hospitaes, sendo 103 menores procedentes da Misericordia, ou dos que se depositam nos adros das egrejas.

Foi por consequencia a mortalidade deste mez exactamente egual á normal deduzida das observações dos 12 annos antecedentes, e por tanto regular; porém deve notar-se que sendo este o mez mais benigno do clima de Lisboa, e tendo apparecido nos quatro precedentes mezes deste anno uma notavel diminuição sobre a mortalidade normal, de 5, 16, 16, e 11 por cento, nos mezes de Janeiro a Abril, neste de Maio cessou aquella diminuição, o que talvez se possa attribuir á irregular e fria temperatura que nelle predominou.

M. M. FRANZINI.

VINHO DO DOIRO.

Com satisfação publicamos o seguinte artigo extrahido dos Annaes de Medicina Brasiliense: —

Parecer sobre o vinho do Porto, apresentado na sessão da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, de 5 de Julho de 1849, pelo Sr. Dr. Sigaud.

549 Foi recentemente publicado em Portugal um folheto do Dr. Assis, em que relata a efficacia do vinho do Porto contra a cólera asiatica. Incumbido pela Academia Imperial de Medicina de dar um parecer sobre o opusculo, levei o meu exame, não só sobre a questão de reputar o vinho generoso do Porto um dos primeiros perservativos da cólera, como tambem as virtudes hygienicas que elle possue em muitos casos de molestia.

A experiencia de varios facultativos abona o vinho do Porto, como sendo um dos cordiaes excitantes que impedem o desenvolvimento do flagello epidemico, quando este acommette individuos valetudinarios ou de temperamento fraco: o seu uso póde substituir vantajosamente o dos anti-pasmodicos diffusivos que se gabam tanto no primeiro periodo da cólera, pois a acção do vinho é mais prompta pondo em jogo todas as potencias nervosas. A opinião do Dr. Double no relatorio dirigido á Academia de Medicina de Pariz, é a mais concludente a respeito das virtudes do vinho do Porto, as quaes são nos casos de cólera de reanimar a acção geral da innervação, tornando a sua distribuição mais regular. Admittida essa opinião, eu não terei o atrevimento de a combater uma vez que ella faz parte do dominio da verdade.

Maior campo de observações poderei trilhar, examinando qual é o vinho do Porto que se costuma beber no Brasil, sobre tudo o que se consome na capital do Imperio. É preciso saber se como bebida usual elle convém á saude e se possue, verdadeiramente ou não, virtudes hygienicas e medicinaes. É reconhecido que o valor do vinho depende da sua maior riqueza alcoolica, a qual junta com a delicadeza do gosto, com um sabor suave e aromatico torna o vinho a bebida a mais salutar para a digestão. Como tal o vinho do Porto é acceito no Rio de Janeiro, como tal deve ser collocado como o primeiro na lista dos vinhos vindos da Europa. Notou-se já que o consumo dos vinhos do Porto vendidos no Brasil supera de muito, além dos que se exportam para o norte da Europa, a tabella annual das colheitas do Alto Douro, e dos outros Districtos vinicolas de Portugal. Um tal excesso teria despertado uma geral desconfiança se a Companhia do Alto Douro não houvesse a tempo remediado aos males que decorrem de uma tão geral desconfiança, escolhendo na côrte um agente probo e habil como é o Illmo Sr. Commendador João Baptista Lopes Gonçalves, e o qual tem servido grandemente a Companhia e prestado igualmente proveitosos serviços á humanidade e á saude publica, pela continua introducção de vinhos naturaes e de superior qualidade.

A introducção de vinhos de melhor qualidade faz-nos esperar que um dia ha-de-se organisar uma boa policia dos alimentos e das bebidas, a qual poderá affastar os males que ameaçam a saude publica. Um systema de fiscalisação que vigie os mercados, os armazens de seccos e molhados, os hoteis, as casas de pasto, as vendas e tabernas só conseguirá diminuir os abusos e os prejuisos da publica alimentação. Concorrem immenso os vinhos falsificados para estragar a saude: sabe-se que o artigo das bebidas espirituosas, do vinho sobre-tudo, é a panacéa dos falsificadores. Nove dizimos do vinho que vem para o Rio de Janeiro é ordinario, catalão ou similhante: entretanto não se acha á venda nas tabernas uma só pipa de tal vinho, tudo é vinho do Porto. Na confecção de similhante qualidade empregam-se drogas prejudiciaes á saude, principalmente páo campeche, sal de chumbo, carbonatos de soda, de cal, de potassa, e mesmo sulphato de cobre. As misturas de agua e assucar são as receitas as mais ordinarias, porém as mais innocentes; em quanto a addição do alcool é de todas a mais perigosa, querendo os traficantes imitar assim melhor o vinho natural do Porto, que de todos os vinhos é o mais rico em alcool, segundo a analyse de um celebre chimico (Vidè Jornal de Pharmacia de Montpellier. — Juillet 1846).

O alcool que contém o vinho do Porto é producto da fermentação, porém o alcool que se addiciona a outro qualquer vinho, nunca se mistura de um modo egual ao que se obtem pela fermentação. Diz o chimico Raspail, que o estomago dos que usam de vinhos assim classificados pelo alcool, soffre do contacto, que a mucosa fica cauterisada como o faria o alcool puro. Resulta, pois, da investigação dos chimicos, que o alcool misturado nos vinhos adulterados, opéra de um modo nocivo, em quanto não causa estragos, quando elle é o producto da fermentação natural. Tomando em devida consideração os effeitos cordiaes do alcool, a administração dos hospitaes de Pariz, resolveu em 1847, que se déssem aos enfermos vinhos generosos do sul da França, os que mais se assimilhassem aos vinhos do Porto e da Madeira. Foi sobre tudo recommendado o uso dos vinhos generosos aos convalescentes, e para os valetudinarios de febres typhoides. Opéra o vinho facilitando a digestão pelo alcool fermentado, corrigido pelas outras partes constituintes, pelos saes soluveis, pelo assucar, pelo acido, os oleos e materia colorante que o vinho encerra. Nunca os falsificadores podem alcançar os mesmos gráos de saturação dos ingredientes que empregam para adulterar os vinhos, por mais bem combinada que seja a imitação. Essa condição explica os damnos de saude que experimentam os consumidores de bebidas alcoolicas falsificadas, em quanto que o uso moderado dos vinhos bons, como os da Companhia do Alto Doiro, não causam estragos.

A medicina usa dos vinhos generosos do Porto e da Madeira para dissolver principios medicamentosos, servindo ambos para similhante fim com a maior vantagem. Diz o pharmaceutico Soubeiran, que o vinho do Porto serve essencialmente para dissolver os oleos essenciaes e as resinas; e que a porção de tannino que contém precipita rapidamente a quinina, e a cinconina das quinquinas; que além disso é o que se conserva mais tempo, sendo os vinhos medicamentosos muito surceptiveis de se alterar.

Uma vez que se reconhece que o uso do vinho generoso do Porto é favoravel á digestão, cumpre aos Medicos sustentar o credito dos vinhos da companhia do Alto Doiro, que merecem a sua antiga reputação. Na cidade do Rio de Janeiro os habitos do regimen alimentar baseados sobre o uso de substancias gordurentas, de carnes e peixes, de fructas dotadas de terebentina, e de acido mallico, de raizes amylaceas, e de feculas muitas vezes humedecidas, concorrem para o desenvolvimento de numerosos casos de despepsia, de gastritis, de phlegmasias eresypelatosas, e de lesões nervosas dos orgãos digestivos. Torna-se indispensavel rebater as digestões tardias, laboriosas ou flatulentas, com o emprego moderado do vinho do Porto, proporcionando a qualidade estimulante á precisão que se tem de estimulos. É regra de saude ou de hygiene para os velhos, para os homens fracos, e tambem para os individuos robustos que zelam no reparo das forças physicas, sem provocar abuso. O bom tractamento de mesa é uma das maiores condições de

longevidade no Rio de Janeiro: é mister vigorar com alimentos escolhidos, e uma porção de vinho generoso uma constituição physica, que tem de luctar durante seis mezes do anno contra uma atmosphera humida e quente como acontece aos habitantes do Rio de Janeiro, para não dar entrada á melancolia, ás dôres de figado, para fugir das hemorrhoidas, e livrar-se de sequestro gastronomico dos homœopathas, e da vida de esponja que certos homens fazem, bebendo por dia canadas de agua, e derretendo-se em contínuo suor.

DOCUMENTOS INDUSTRIAES.

Representação da Associação Fabril e Mercantil da Villa da Covilhã ácerca dos interesses industriaes.

Senhores Deputados da Nação Portugueza.

550 A Direcção da Associação Fabril e Mercantil da Villa da Covilhã não corresponderia á confiança que nella depositaram os seus Socios, se quando se pertende dar um golpe decisivo no systema protector das industrias nacionaes, ficasse silenciosa e indifferente, e é por isso que vem hoje perante vós, e com muito respeito, cumprir o mais importante dos seus deveres.

Custa a crer, que em uma épocha em que se vê caminhar a passos gigantescos a nossa Industria Fabril, e com ella todas as outras, pelo benefico impulso que lhes imprimiu o systema protector das Pautas, houvesse quem no meio da Representação Nacional levantasse contra ellas um grito de morte, que a não ser a confiança que a Nação tem nos seus dígnos representantes a faria estremecer.

Felizmente porém, aquelle grito aterrador que parece ter sahido das margens do Tamisa, mas infelizmente importado em bocca portugueza, não achou ecco no Augusto Recinto da Soberania Nacional, antes pelo contrario foi rebatido, abafado e stigmatisado por eloquentissimos discursos que deveriam fazer retractar promptamente uma proposta tão pouco digna de um deputado portuguez.

Se as nossas Fabricas fossem uma historia, como asseverou aquelle illustre deputado, e se os seus productos não tivessem ainda a perfeição dos productos das Fabricas das outras nações, era por isso mesmo que mais percisavamos do systema protector das Pautas, para poderem com o tempo, tornar-se de Fabricas de historia, em Fabricas de realidade, pois que quanto mais protegidas forem, mais devem prosperar e aperfeiçoar-se.

Se o que sáe de bom das nossas Fabricas é um verdadeiro contrabando, como tambem asseverou o mesmo illustre deputado, em que se consomem então annualmente nas Fabricas desta Villa setenta mil arrobas de lã? Em que se empregam diariamente cinco mil braços que sustentam numerosas familias? Para que anda em giro constantemente a avultada quantia de milhão e meio de cruzados?

A quem, se não ao systema protector das industrias fabris, se deve a construcção de desoito ou vinte despendiosos edificios, em que se acham collocadas as mais perfeitas maquinas, não só de cardar e fiar lãs de todas as qualidades, mas tambem de dar aos productos das dictas Fabricas a maior perfeição, que tanto os tem acreditado? A quem, se não a elle se deve o desaferrolhamento de avultados capitaes, que estavam improductivos, para se empregarem á porfia no importantissimo ramo da industria fabril, de que tantos proveitos tem tirado a agricultura, que diariamente se vê prosperar, e muitas outras artes e officios que estavam amortecidos?

E que seria daquellés cinco mil braços, que sustentam dez ou doze mil, se, com effeito se désse no systema protector um golpe, já não dizemos decisivo, mas qualquer que elle fosse? Que seria daquelles despendiosos edificios, e daquelles avultadissimos capitaes, se a interpellação do illustre deputado fosse tomada em alguma consideração? Só a lembrança disso faz estremecer todos os corações em que circula sangue portuguez.

Senhores Deputados da Nação Portugueza, a Direcção da Associação Fabril e Mercantil desta Villa, viu com muito prazer a respeitosa e eloquente representação, que a Sociedade Promotora da Industria Nacional teve a honra de dirigir-vos por uma respeitavel Commissão, e por isso achando alli consignados e energicamente expendidos os mais solidos principios, não faz mais do que tomar como sua aquella representação supplicando-vos que a tomeis na consideração de que ella se faz credora.

Sala das Sessões da Direcção da Associação Fabril e Mercantil da Covilhã 28 de Maio de 1850. — *Valerio Gomes Corrêa*, presidente — *Cassiano Augusto Alves Amorim*, vogal — *José Mendes Veiga de Carvalho*, vogal — *Antonio Pessoa de Amorim*, vogal — *Antonio Joaquim da Silva, Junior*, secretario.

A PAUTA HISPANHOLA E OS ALGODÕES.

551 É para lastimar — que os inimigos do nosso systema protector não saibam nada, absolutamente nada, dos factos industriaes. Antes de os combater, é mister abrir aula, onde se lhes ensine o estudo de tão importante questão.

Vejam uma prova:

Diz o Sr. Affonseca, no seu folhetinho — Portugal e os Direitos Protectores —

« Que a Hispanha deve ser contada como paiz onde vigora a liberdade do commercio. » Isto prova que não leu nunca a Pauta Hispanhola — muito mais protectora que a portugueza. Diz uma folha avulsa, impressa no Funchal com o titulo de — Guerra ao monopolio — que — *a nova Pauta das Alfandegas em Hispanha foi estabelecida* sobre a base de 14 por cento *ad valorem*.

As relações de paridade ligam esta folha avulsa ao folheto do Sr. Affonseca: responderemos a a ambos com um só exemplo, e seja o algodão.

É falso, que a Hispanha tenha tomado por

typo no direito, que impoz ao algodão fiado e tecido do estrangeiro, o de 14 por cento *ad valorem:* os seguintes exemplos mostrarão qual é o termo medio, que esse algodão paga.

Algodão fiado de n.º 60 a 80, que val 640 réis, paga 185, entrado em bandeira nacional, e 220 em bandeira estrangeira, que corresponde a 35 por cento *ad valorem.*

Algodão tecido de 26 fios em diante, é o unico admittido; não se póde calcular aqui, porque é tecido que não conhecemos neste mercado, nem se produz quasi nunca nos theares inglezes, e por conseguinte a sua admissão não póde ter logar.

Lenços pintados, que valem 1$000 réis a duzia, e que pezam 28 e meio onças, pagam 25 réis o arratel, em bandeira nacional, o que equival a 45 e meio por cento.

Belbutinas que custam a 120 réis a jarda, e pesando 32 jardas 8 arrateis e 3 onças, pagam 368 réis por arratel, ou 3$013 por peça *ad valorem* em bandeira nacional.

Os algodões estampados e tintos, em que se comprehende as chitas, vulgarmente usadas, são prohibidos; porque só se admittem quando contém de 25 fios para cima em 1 quarto de pollegada hispanhola; productos estes que apenas se conhecem no commercio.

O que dá uma idéa clara do typo tomado na Pauta de Hispanha, para fixar o direito aos algodões, é a disposição da partida n.º 34, em que diz: —

Duodecima classe.

« Tecidos de algodão de nova invenção, que « não possam applicar-se por analogia ás par- « tidas precedentes, pagará cada arratel 40 por « cento em bandeira nacional, e 48 por cento « em bandeira estrangeira, sobre a avaliação. »

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XIV.

A Rosa Ensanguentada.

(Continuado de pag. 413.)

552 Então vimos sahir da sachristia um padre, e alguns convidados.

E no meio delles Magdalena vestida de noiva, mais bella, mais fascinadora do que nunca.

As faces rubras de pudor destacavam naquellas vestes suavemente alvas e vaporosas. Dir-se-hia uma camelia vermelha, abandonada ao romper da alva n'uma campina, coberta de neve.

Mauricio escondeu o rosto, e encostou-se á teia, para não cair.

Senti uma vertigem passar-me pela cabeça. Que nome daria eu a este acaso imperioso, que nos havia levado a presencear o mais terrivel de todos os espectaculos, para aquelle coração, ainda mal convalescido de tanto soffrimento?

A carruagem parou. E sentiu-se descer um homem. Era elle.

Então peguei no braço de Mauricio, e disse-lhe: — « Partamos! »

Olhou para mim com o olhar fito, com a cabeça orgulhosamente erguida, e respondeu-me com voz pausada: « Queres que fuja da dôr como um covarde? »

Ficámos.

Não te posso dizer o que aconteceu depois. Ouvi palavras, e não as entendi: olhei a todos e não conheci ninguem: tinha a intelligencia paralisada. Os pensamentos oscillavam-me na mente, como os clarões intermitentes de uma fogueira, soprada em noite de tempestade.

A ceremonia acabou finalmente. Respirei como se me houvessem tirado um grande peso que me esmagasse o peito.

Quando saímos, o sol já se descubria plenamente no horisonte. A cidade começava a viver de novo essa vida incoherente, essa vida incomprehensivel para mim. Ha momentos, em que um homem pergunta a si mesmo, porque é que a sociedade existe, desvelada em tão improbas fadigas: porque é, que o mundo se move, agitado de dezejos tão frivolos, e de paixões tão passageiras, quando a existencia é um sonho, e o destino um enigma pungente e mysterioso.

Mauricio não disse uma palavra, não exhalou um suspiro. A sua phisionomia, horrivelmente pallida, estava resignada e triste, mas sem um unico signal de desespero.

De repente vimos a carruagem correr desenfreadamente, não podendo ser sustida pelas mãos do cocheiro.

Ouviu-se um grito de mulher, partindo de uma voz tremula e alterada.

Mauricio atirou-se como um louco, adiante da carruagem. Os cavallos, parece que obede-

ceram áquella intimação solemne e desesperada, Moderaram a corrida, mas a lança batteu no peito do pobre mancebo, e atirou-o ferido e cuberto de sangue, a alguns passos de distancia.

Quando cheguei perto delle, não dava acordo de si. Levantei-o nos braços, quasi moribundo; o sangue de um vermelho carregado, fazia um terrivel contraste com a pallidez do seu rosto.

A carruagem parou.

Quando Magdalena desceu, e se adiantou para vêl-o, tive um movimento de ira contra ella. E todavia, o susto, e a piedade tornavam-n'a adoravel por essa formosura moral, que só resplandece nas creaturas escolhidas e superiores.

Pareceu reconhecel-o. Uma nuvem de rubor passou-lhe pela phisionomia, e tornou mais admiravel a sua belleza. Teria ella o presentimento desse amor, que lhe nascera, a elle, tão espontaneo e ardente?

— Está muito mal, não é assim? — disse-me ella com um olhar, cheio de anciedade terna e delicada.

Eu não sei como foi. Senti todo o corpo de Mauricio sobresaltar-se ao som daquella voz: Abriu os olhos, cerrados pela dor — e quiz fallar: depois, vendo que as palavras lhe morriam na garganta, levou a mão ao peito, e tirou uma rosa ensanguentada, e entregou-lha, com um suspiro de angustia.

E dahi a momentos, succumbindo áquelle esforço, cahiu-me outra vez nos braços, desalentado e exangue.

Magdalena olhou aquella rosa, com admiração, e pareceu querer recordar-se de alguma circumstancia esquecida da sua vida; interrogou-me com os olhos, e eu abaixei os meus, em silencio: a dôr torturava-me o coração; e quando ella se affastou para se meter na carruagem, banharam-se-me as faces de pranto.

Ella viu aquellas lagrimas: disse-me um adeus triste e melancolico, e ergueu os olhos para o céu, como se me pedisse que tivesse esperança alli.

Esperança? Tenho velado noites inteiras á cabeceira de Mauricio, e vejo que elle talvez morra não das feridas do corpo, mas das magoas da alma.

E Magdalena? conservará ella, ao menos, aquella dadiva ensanguentada, aquella despedida a todas as esperanças do coração, aquella sancta e saudosa reliquia de um amor infeliz?

Não sei, que os anjos mesmo, poucas vezes resistem ás provas vulgares ou infames da existencia.

E passa tão rapida a dor que nos punge dos martyrios de outrem! E secam tão breve as lagrimas da piedade, ou da consolação!

Que podemos nós exigir de mais, do que um olhar, do que um suspiro, do que uma lagrima?

É tudo: é nada!

CAPITULO XV.

A arte e o coração.

Paulina fizéra-se actriz: e as actrizes são horriveis e deliciosas creaturas. Ás vezes, poeticas como os caracteres, que ellas traduzem na scena: outras vezes, abjectas, como essas mulheres sem nome, que a desgraça, ou a indole, conduziram ás torpesas da venalidade.

Dir-me-heis como a Ophélia, emanação vaporosa e encantada de uma imaginação divina, com aquellas vestes brancas como a innocencia, toucada com aquellas flôres selvagens, apanhadas na campina, e nas margens do Oceano, se transforma depois n'um ente caprichoso, inconsequente, vaidoso, ridiculo, avarento, insaciavel?

É como aquella voz, que ainda ha pouco rugia em delirios de amor, ou em impetos de cólera, repete as phrases banaes de um cumprimento semsabor; ou compassada e traiçoeira, accende um desejo, para satisfazer um calculo?

Phenomeno, que assusta, que aterra o entendimento: a actriz, inspirada, eloquente no tablado, é quasi estupida no bastidor: ides cumprimentar a Marion de Lorme, que se roja delirante de amor, e sublime de desespero, repetindo: « *Voilá l'homme rouge qui passe* » e nem mesmo encontraes Manon Lescaut.

E não duvideis que a arte é um culto grandioso e elevado; e podeis acreditar que as palmas são uma homenagem solemne e appetecida.

Fatigar-se-ha a alma de voar perpetuamente nas regiões do ideal? Não vibrará nos grandes artistas o coração, e ficará elle arrefecido, á força de se despender nas emoções facticias do theatro?

Não! admiravel Talma, não! immortal Malibran! o raio que vos accendia o rosto, quando, Cesar, te coroavas com os louros do triumpho, quando, Desdemona, te estorcias nas angustias do teu affecto ultrajado, não expirava no camarim, ardia-vos dentro da alma.

Os presentimentos felizes não constituem o genio. Algumas phrases sinceras, e convictas, que partem dos labios por instincto, não fazem artista a mediocridade.

Paulina creára, em poucos mezes, uma reputação popular. As tristes e desoladoras scenas do unico amor, que lhe doirára a vida, haviam dado contricção e poesia ás suas estrêas theatraes. Os elegantes proclamavam-n'a um prodigio: as mulheres de sociedade, tão actrizes como ella, debaixo de outro ponto de vista, exaltavam o seu talento, á custa da sua condição feminina.

E havia rasão. O sentimento expirára para sempre naquella alma. O seu coração vivia por uma saudade encantada e remota: vendia-se, mas não podia amar.

Era longo o catalogo das suas allianças: mais de um homem verdadeiramente apaixonado, havia sido escarnecido por ella, e a abandonára, afflicto e desesperado. Estudava nos outros os affectos quando os não podia invocar no seu passado, já manchado pelas suas torpesas. As mulheres, quando se lançam nos braços da depravação, não conhecem limites á sua crueldade. Se Deus lhes concedesse o poder de Nero, mais de uma vez iriam vêr arder Roma, cantando sobre uma collina, os seus phantasticos caprichos.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

VIAGEM AEREA DE MADAME BERTRANDE SENGES.

333 A 6 do corrente, realisou-se a ousada ascenção aerostatica de M.me Bertrande Senges. Calcula-se em mais de cem mil pessoas o numero, das que povoavam todos os logares, d'onde se podia gosar de tão bello e magnifico espectaculo.

Não é novo que uma ascenção só se realise depois de annunciada duas, tres, e mais vezes. Não é a vontade, é o tempo, que deve regular a partida para tão arriscada empresa.

Desejamos que a imprensa, sobre este ponto, esclareça bem o publico, para que nunca appareça uma exigencia que só póde revelar ignorancia ou malvadez. Se o vento corre na direcção do mar, instar pela partida, é commetter um homicidio, é sacrificar uma vida ao prazer de transformar uma scena maravilhosa em espectaculo de tristeza e lucto. Talvez que o celebre Arban, de quem os nossos leitores em o numero anterior tiveram noticia, não estivesse perdido a esta hora se o povo de Barcelona fôra mais justo e paciente. Arban tinha annunciado uma ascenção com sua mulher: — mas, ao subir, conheceu que o vento lhe não era favoravel, e desceu para deixar sua mulher em terra e partir — ninguem sabe se para a morte — porque até hoje ainda se não sabe delle.

Estes factos e suas muitas consequencias devem estar presentes a quantos, sem reflexão, pertenderem censurar M.me Bertrande, por não haver, da primeira vez, realisado a ascenção — quanto a inconvenientes policiaes do espectaculo, coisa é que se deve, por muitas considerações, desculpar pois que nos foi demonstrado, com a maior evidencia, que para quem tanto se arriscou, o lucro pecuniario foi ainda perda de mais de 100$000 réis: — devendo notar-se que a praça custou um quinto da receita — e que o Sr. Detry e mais empreiteiros da canalisação, do gaz, não sabemos com que fundamento, receberam 450$000 réis, pela conducção do gaz até á praça.

Ao descer, a aeronauta não sendo soccorrida a tempo, perdeu um bom barometro, bem como o thermometro.

Consta-nos que pelo gaz se lhe exige 80$000 réis: — e a este respeito, diremos para atenuar tão immerecidos prejuizos, que nos informam, que tendo o balão capacidade para 11 mil pés cubicos de gaz, deveria conter 9 mil, os quaes a 2$000 réis cada mil pés cubicos, preço por que a companhia o vende, prefaz 18$000 réis e não 80$000 réis. Este ponto deve ser esclarecido.

Todos os riscos e prejuizos foram, quanto a nós, bem compensados pela fama com que esta ascenção premeia M.me Bertrande. O facto illustra sempre o nome de quem ousa leval-o a effeito; mas muito mais quando este nome é de mulher porque mui poucas se tem inscripto nos brilhantes annaes da aerostatica.

M.me Bertrande Senges é de pequena estatura, corpo esbelto e bem talhado, cabello loiro doirado, tez alva e mui rosada, — olhar penetrante e rapido, como quem já tem encarado a morte, da beira da sepultura, ao passo que a

cerca o mais formoso panorama da natureza.

M.me Bertrande é de agradavel trato — falla com animação e dá prova de uma instrucção e leitura que não é commum aos vinte e dois annos. Antes de se enthusiasmar pelas ascenções aerostaticas tirava retratos com o Daguerreotypo, e com tal perfeição pelas provas que vimos, que não precisaria de arriscar por tal arte a existencia, se a sua ambição de gloria se contentasse com os commodos de uma vida obscura mas tranquilla.

Ás 4 horas da tarde do dia 6 appareceu na Praça do Campo de Sant'Anna vestida de setim preto e com um ornato de prata cingindo-lhe a fronte. No Camarote Real estavam Suas Magestades e o Duque de Leuchtenberg. — Observámos nas feições da aeronauta uma contracção nervosa, que parecia pôr em desharmonia as linhas do perfil. Na côr não se lhe notava a menor alteração. Subindo ao cesto, que estava preso ao Balão foi elevada a meia altura da Praça, e saudou graciosamente Suas Magestades, e o publico.

Depois desceu á terra, e recebeu no cesto, além do lastro para graduação da subida, um porta-voz, um barometro, e um catavento de pennas, e a ligeira refeição, que, em taes alturas, lhe poderia ser precisa.

O balão pertenceu a Mr. Arban, de quem M.me Bertrande é discipula, e na companhia do qual fez as suas duas primeiras viagens aereas.

Terminados os preparativos, o balão se elevou, e um corajoso e desasombrado olhar em volta de toda a praça foi a despedida de M.me Bretrande. Antes disso já as suas feições tinham tomado a apparencia normal ao cabo de uma ligeira pallidez, que durou alguns minutos.

É impossivel exceder a coragem e o garbo com que M.me Bertrande emprehendeu a sua viagem. Enthusiasticas salvas de applausos dos espectadores da praça, e dos camarotes, sumiram os sons fortes da musica marcial, e communicaram seguramente o seu delirio electrico ao coração da intrepida aeronauta.. Deste ponto avante só M.me Bertrande poderá fallar, ou antes só o seu pensamento, porque não póde haver palavras que pintem a solidão, e o silencio, que cerca a alma que ao voltar-se para o mundo só avista, em paragem remota, a terra de que a separam alguns minutos ou a eternidade.

Eis-aqui a narração authentica da ascenção, da qual nos foi permittida a publicação por M.e Bertrande.

« Quando me elevei sobre a praça, e retumbaram nos meus ouvidos as palmas e applausos que me dirigia um povo a que estou summamente agradecida, apossou-se de mim um enthusiasmo tão phrenetico, que tocava a ponto do delirio. Via a meus pés o mundo de que eu sahia, sobranceiro a mim o espaço que ía fender, e pesava-me não poder rompel-o até o infinito.

« O globo subia tão tranquilla e socegadamente que não fazia um unico movimento. Conservei-me todo o tempo de pé na cesta, correndo avida os olhos por aquelle estranho panorama que se abria em minha presença. Admiravel perspectiva! linda paisagem! De um lado avistava terras até as perder de vista, cortadas pelo Téjo, que á imitação de uma fita de prata da largura de quatro dedos serpenteava por entre um chão de differentes matizes, em que predominava o verde; do outro, o Oceano com suas aguas azuladas dava um realce magestoso a este espectaculo.

« Se eu conhecesse melhor a topographia do paiz, posso certificar que desejaria demorar-me um cento de horas, se fosse possivel pairando sobre o espaço, tamanho era o praser que sentia com aquella perspectiva. Estava na maior altura da minha ascenção; a terra ficava abaixo de mim 5,000 metros; achava-me mesmo sobranceira ao Téjo. Foi então que jantei. Puxei pelo meu relogio, vi que marcava quatro horas e meia em ponto. Escrevi esta hora no meu *souvenir*: será uma das minhas mais gratas recordações que levarei desta cidade, e sabe Deus se talvez uma das mais doces lembranças de toda a minha vida. Em nenhuma das minhas anteriores ascenções disfructei um quadro tão encantador!

« Nesta occasião me succedeu tambem uma raridade. O primeiro aerostatico que se lançou da praça para sondar o vento, veio bater de encontro ao meu balão, e despedaçou-se com o embate! Que significaria? Tive como um presentimento — desvanecer-se-hiam, á imitação daquelle pequeno balão, as minhas gratas e fagueiras esperanças!

« Foi com bastante sentimento que principiei a descer. Já não tinha mais lastro para arrojar, e o balão não podia elevar-se mais. A atmosphera estava mui quente, e por cinco vezes me vi obrigada a deitar fóra o gaz por causa da dilatação. Achava-me então na altura das marinhas.

« Quando me aproximei á terra reconheci que ía cahir sobre um bosque. Tornei a elevar-me, porque avistei a alguma distancia um areal bastante extenso, e foi ahi que determinei cahir. Lancei a ancora que não encontrou em que prender. Gritei a umas pessoas que alli andavam que segurassem a espia para me ajudar a descida. De nada serviu o meu aviso — fugiram como possuidas de terror, julgando sobrenatural a minha apparição.

« Fui então arrastada pelo balão coisa de uma legoa. Salvei por entre vinhas, atravessei matos, desci pequenos oiteiros: a corda da ancora tinha-se partido. Ia despedido com a velocidade do raio: poucos minutos bastaram para percorrer este espaço. A cesta havia-se rompido; um dos pés ía-me de fóra della. Soffri bastante, mas não perdi o animo.

« Foi minha salvação correrem tres pessoas em meu soccorro: agarraram a corda da ancora, mas ainda assim não tiveram força para suster o balão. Agar-

rado desta fórma percorreu algum espaço até que chegou uma nova pessoa que cortou com uma navalha as cordas que prendiam a cesta ao balão. Então se evaporou completamente o gaz: o balão rompeu-se em varias partes. Avalio o prejuiso delle em 500 francos (80$000 réis). Puxei do meu relogio. Eram cinco horas e meia da tarde.

« Demorei-me n'aquelle sitio coisa de um quarto de hora. Logo correu a noticia e muita gente alli afluiu para me ver. Montei a cavallo, e parti para Aldea Gallega acompanhada de 12 cavalleiros. O povo desta villa já me esperava, e fui levada como em triumpho.

« A auctoridade mandou logo chamar um cirurgião que examinou o estado das minhas contusões, e me applicou o necessario curativo. Poseram aquelles habitantes todo o necessario á minha disposição. Embarquei á 1 hora da noite por causa da maré, e desembarquei em Lisboa ás 2 horas da madrugada. »

ESTADO DA ATMOSPHERA.

De *Lei* extrahimos o seguinte periodo das observações feitas pelo Sr. Corrêa de Almeida:

« No dia anterior ao da ascenção conservou-se o vento nornóroeste. Na manhã do dia 7 appareceu o vento ainda da mesma parte, e fresco até o meio dia, em que principiou a descobrir a atmosphera, e contra o usual, a abonançar. O vento era no Tejo, pelas 4 horas da tarde nornóroeste, e o balão subindo da praça ás 4 horas e 8 minutos, seguiu um quarto a quinto de milha na direcção de sudueste, e quando chegou ao ponto de elevação, em que já não era possivel distinguir a aeronauta sem a ajuda de um oculo, parou por tres a quatro minutos, e seguiu a direcção de leste. Continuando o balão a caminhar nesta direcção horisontal de leste, e na vertical com a maior rapidez, e quando estava n'uma altura tal que uma vez perdido de vista, já não era possivel tornar a encontral-o sem muito trabalho, tomou então a direcção de susudoeste até cahir. Para a noite foi abonançando o tempo puxando para nornóroeste. »

THEATROS.

554 Vamos ter muitas novidades no Theatro de D. Fernando. — O Sr. Doux deixou de ser emprezario, mas fica no theatro que passa a ser convertido em sociedade. — A Sr.ª Emilia não entra na associação formada.

Tributamos louvor aos que unindo-se se sugeitam a partilhar os lucros e as perdas, e desejaremos que a nova companhia do theatro de D. Fernando seja auxiliada pelo publico, já que o monopolio do subsidio que alimenta o castello feudal do Rocio, não serve para premiar esforços tão louvaveis como este, e como os que tem feito a empreza do Gymnasio, a qual incontestavelmente merece muito auxilio.

Em quanto se prepara a nova organisação do theatro de D. Fernando, consta que o theatro do Gymnasio, se vae construir novamente, por meio de um emprestimo feito para este fim á sociedade, que ahi representa, a qual no entanto irá para o Porto alegrar com o seu comico e bem escolhido reportorio os habitantes daquella cidade.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 12 de Junho.

555 Estado do mercado.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Não houve vendas.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$450 a 1$600 rs., dito velho 1$350 a 1$450 rs., — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$300 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 950 a 1$050 rs. — As vendas limitam-se em pequeno ponto para o consumo do paiz, tendo chegado ultimamente do Rio 105 caixas, 110 barricas e 5 fêxos.

Cacáu 1$650 a 1$700 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Caffé do Rio. — Chegou um reforço de 648 sacas.

Cêra de Angola B. 265 a 268 rs. — Dita a A. 250 a 255 rs. — Poucas vendas.

Marfim de lei 1$100 a 1$200 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Poucas vendas.

Urzella 6$600 a 6$700 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

BIBLIOGRAPHIA.

556 ANATHEMA, *romance original* por *Camillo Castello-Branco*.

Esta obra sahirá nitidamente impressa dos prelos da Imprensa Nacional, em bom papel, e passado pela prensa hydraulica.

Cada folha de oitavo portuguez, 20 réis, pagos no acto da entrega.

Os senhores que assignarem por volume receberão a obra brochada, sem pagarem mais que a importancia total das folhas.

Quem sollicitar 8 assignaturas realisaveis, receberá uma gratis.

Assigna-se em todas as lojas do costume; e no escriptorio do empresario do jornal a *Semana*, aonde toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte, travessa da Larangeira n.º 25 (á Cruz de Páo).

—

BIBLIOGRAPHIA HISTORICA PORTUGUEZA, por *Jorge Cesar de Figanière*.

Publicaram-se as folhas 4.ª e 5.ª contendo 16 paginas de impressão. Preço para os Srs. subscriptores 50 réis.

☞ Roga-se muito encarecidamente aos Srs. assignantes da REVISTA que receberam prospectos desta obra, tão efficazmente recommendada em o n.º 32, queiram restitui-los aos distribuidores *com assignatura, ou sem ella*.